

A
VIDA
INVISÍVEL
DE ADDIE
LARUE

V. E.
SCHWAB

Tradução
Flavia de Lavor

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2021

*Para Patricia,
por nunca esquecer.*

Villon-sur-Sarthe, França
29 de julho de 1714

Uma garota está correndo para salvar a própria vida.

A brisa do verão arde em suas costas, mas não há tochas nem multidões enfurecidas, somente os lampiões distantes da festa de casamento e o brilho avermelhado do sol, que colide no horizonte, partindo e espalhando-se pelas colinas. A garota corre e sua saia se emaranha na grama enquanto ela dispara em direção à floresta, tentando vencer a luz agonizante.

Vozes ecoam pelo vento, gritando seu nome.

Adeline? Adeline? Adeline!

Sua sombra se alonga à frente, comprida demais, com os contornos já borrados, e florzinhas brancas caem de seus cabelos, cobrindo o chão como se fossem estrelas. Ela deixa uma constelação no seu rastro, muito parecida com aquela nas suas bochechas.

Sete sardas. Uma para cada amor que ela conheceria, foi o que Estele tinha dito quando a garota ainda era uma menina.

Uma para cada vida que viveria.

Uma para cada deus que a protegia.

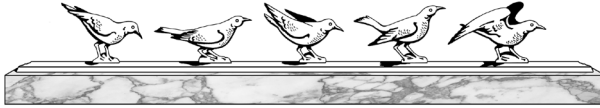
Agora aquelas setes marcas debocham dela. Promessas. Mentiras. Ela não conheceu nenhum amor, não viveu nenhuma vida, nunca encontrou um deus, e agora não tem mais tempo.

Mas a garota não desacelera, não olha para trás — não quer ver a vida que está ali, à espera. Estática como um desenho. Sólida como um túmulo.

Ela apenas corre.

PARTE UM

OS DEUSES QUE ATENDEM
DEPOIS DO ANOITECER



Título da obra: *Revenir*

Artista: Arlo Miret

Data: 1721-2 d.C.

Técnica: escultura de madeira de freixo e mármore.

Proveniência: emprestada do Museu de Orsay, em Paris.

Descrição: uma série de esculturas de cinco pássaros de madeira em poses e estágios variados de pré-voo, dispostas sobre um pedestal estreito de mármore.

História: um autobiógrafo cuidadoso, Miret mantinha diários que proporcionam maior compreensão sobre a sua mente e seus processos artísticos. Ele atribuiu a inspiração para a obra *Revenir* a uma estatueta encontrada nas ruas de Paris, no inverno de 1715. O pássaro de madeira, achado com uma das asas quebrada, é supostamente representado pelo quinto pássaro da sequência (ainda que intacto), prestes a alçar voo.

Valor estimado: 175 mil dólares

Nova York
10 de março de 2014



A garota acorda na cama de outra pessoa.

Fica deitada, completamente imóvel. Tenta prender o tempo como se prendesse a respiração; como se, apenas pela sua força de vontade, pudesse impedir que o relógio avançasse, que o rapaz ao seu lado acordasse, que a lembrança da noite que passaram juntos morresse.

Mas ela sabe que não pode. Sabe que ele vai esquecer. Eles sempre esquecem.

Não é culpa dele — nunca é culpa deles.

O rapaz ainda está dormindo, e ela observa o lento sobe e desce de seus ombros, o ponto da nuca onde os cabelos castanhos formam cachos, a cicatriz ao longo das costelas. Detalhes memorizados há muito tempo.

O nome dele é Toby.

Na noite passada, ela disse a ele que se chamava Jess. Mentiu, mas só porque não pode dizer o seu nome verdadeiro — um dos pequenos e cruéis detalhes escondidos na grama, como urtigas. Farpas ocultas feitas para ferir. O que é uma pessoa, se não as marcas que deixa para trás? Ela aprendeu a caminhar entre os espinhos, mas não consegue evitar alguns cortes — uma lembrança, uma fotografia, um nome.

No mês passado, ela foi Claire, Zoe e Michelle. Mas dois dias atrás, quando se chamava Elle e os dois estavam fechando uma lanchonete tarde da noite, depois de um dos shows dele, Toby disse que estava apaixonado por uma garota chamada Jess — só não a tinha conhecido ainda.

Então, hoje ela é Jess.

Toby começa a despertar, e ela sente aquela velha conhecida dor no peito enquanto ele se espreguiça e vira o corpo em sua direção — mas não acorda, ainda. Seu rosto está a poucos centímetros do dela, com os lábios entreabertos em meio ao sono, os cachos castanho-escuros encobrindo os olhos e os cílios escuros sobre as bochechas pálidas.

Certa vez, a escuridão provocou a garota enquanto eles passeavam ao longo do rio Sena. Disse que ela tinha um “tipo”, insinuando que a maioria dos homens que escolhia — e até mesmo algumas das mulheres — se pareciam bastante com *ele*.

Os mesmos cabelos castanho-escuros, os mesmos olhos penetrantes, as mesmas feições bem-delineadas.

Mas não era justo.

Afinal de contas, a escuridão só tinha aquela aparência por causa *dela*. Tinha sido *ela* quem lhe dera forma, que escolhera como identificá-lo, o que enxergar.

Você não se lembra, ela perguntou a ele naquele momento, *quando não era nada além de sombras e fumaça?*

Minha querida, ele respondeu com seu jeito suave e sonoro, *eu era a própria noite*.

Agora é manhã, em outra cidade, em outro século. A luz clara do sol penetra entre as cortinas e Toby se remexe de novo, emergindo do sono leve. A garota que se chama — chamava — Jess prende a respiração mais uma vez enquanto tenta imaginar uma versão desse dia em que ele acorda, a vê e se lembra.

Em que ele sorri, acaricia o seu rosto e diz: “Bom dia”.

Mas isso não vai acontecer, e ela não quer ver a expressão familiar de confusão, não quer assistir ao rapaz tentando preencher as lacunas onde a lembrança dela *deveria* estar, nem testemunhar enquanto ele se recompõe e assume uma postura de indiferença casual bem-ensaiada. A garota já viu essa atuação o suficiente, conhece toda a cena de cor, então sai da cama de fininho e vai para a sala de estar na ponta dos pés descalços.

Avista o próprio reflexo no espelho do corredor e repara no que todo mundo repara: as sete sardas, espalhadas como uma faixa de estrelas sobre o nariz e as bochechas.

Sua constelação particular.

Ela se inclina para a frente e embaça o vidro ao respirar. Traceja a ponta do dedo pela nuvem de condensação conforme tenta escrever o próprio nome. *A... d...*

Mas só chega até aí antes que as letras comecem a se dissolver. O problema não é a técnica — não importa como tente dizer o próprio nome, não importa como tente contar a própria história. E ela tentou *várias* vezes, com lápis, com tinta, com pintura, com sangue.

Adeline.

Addie.

LaRue.

É em vão.

As letras se desintegram ou esmaecem. Os sons morrem na sua garganta.

Ela afasta os dedos do espelho e se vira, examinando a sala de estar.

Toby é músico, e os sinais de sua arte estão por toda parte. Nos instrumentos apoiados na parede. Nos versos e notas rabiscados e espalhados sobre as mesas — faixas de melodias lembradas pela metade entre listas de compras e tarefas semanais pendentes. Mas, aqui e ali, há vestígios de outra mão — as flores que ele começou a cultivar no parapeito da cozinha, embora não consiga lembrar quando o hábito se iniciou, o livro sobre Rilke que não se recorda de ter comprado. Coisas que permanecem, mesmo quando as lembranças se vão.

Toby sempre demora para se levantar, então Addie prepara uma caneca de chá para si mesma — ele não bebe chá, mas a lata de folhas soltas do Ceilão já está no armário, ao lado de uma caixa de saquinhos de seda. Uma relíquia obtida em uma ida à mercearia de madrugada, um rapaz e uma garota perambulando pelos corredores, de mãos dadas, porque não conseguiam dormir. Porque ela não estava disposta a deixar que a noite terminasse. Porque não se sentia pronta para abrir mão daquilo.

Ela ergue a caneca e inala o aroma enquanto as lembranças vêm à tona junto com o cheiro.

Um parque em Londres. Um pátio em Praga. Uma casa de chá em Edimburgo.

O passado estendido como um lençol de seda sobre o presente.

É uma manhã fria em Nova York e as janelas estão embaçadas pela geada, então ela puxa uma manta do encosto do sofá e envolve os ombros. Um *case* de violão está ocupando um dos cantos do sofá e o gato de Toby, o outro, de modo que ela se acomoda no banco do piano.

O gato, que *também* se chama Toby (“Assim posso falar sozinho sem soar tão estranho...”, ele explicou), a encara enquanto ela assopra o chá.

Ela fica se perguntando se o gato se lembra.

Suas mãos estão mais aquecidas agora. Ela coloca a caneca sobre o piano, tira a capa de cima das teclas, alonga os dedos e começa a tocar do modo mais suave possível. No quarto, pode ouvir Toby, o humano, se mexendo na cama, e cada centímetro do corpo dela, dos ossos à pele, se retesa de pavor.

Esta é a parte mais difícil.

Addie poderia ter ido embora — *deveria* ter ido embora —, saído de fininho enquanto ele continuava dormindo, quando a manhã ainda era uma extensão da noite que passaram juntos, um momento conservado em âmbar. Mas agora é tarde demais, então ela fecha os olhos e continua tocando. Permanece com a cabeça abaixada enquanto ouve os passos dele sob o som das notas, e continua movimentando os dedos quando sente sua presença na solei-

ra da porta. Ele vai ficar parado ali, assimilando a cena e tentando reconstruir a linha do tempo da noite passada, se perguntando por que tudo evaporou, quando ele poderia ter conhecido uma garota e a levado para casa, se ele teria bebido demais, por que não se lembra de nada.

Mas ela sabe que Toby não vai interrompê-la enquanto estiver tocando, então desfruta da música por mais vários segundos antes de se forçar a diminuir o ritmo, erguer o olhar e fingir que não se dá conta da confusão na expressão de seu rosto.

— Bom dia — diz ela, com a voz animada e o sotaque, que costumava ser da área rural da França, agora quase imperceptível.

— Hum... bom dia — responde ele, passando a mão pelos cachos castanho-escuros soltos. Em seu favor, Toby tem o mesmo aspecto de sempre — um pouco atordoado e surpreso por ver uma garota bonita na sua sala de estar, apenas de calcinha e sutiã e com a camiseta da sua banda preferida debaixo da manta.

— Jess — diz ela, fornecendo o nome que ele não consegue encontrar na memória, pois não está ali. — Tudo bem se você não se lembra.

Toby fica corado e afasta Toby, o gato, enquanto afunda nas almofadas do sofá.

— Desculpa... isso não é do meu feitio. Não sou esse tipo de cara.

Ela sorri.

— E eu não sou esse tipo de garota.

Ele também sorri, e é como se um raio de luz desfizesse as sombras em seu rosto. Toby acena para o piano com a cabeça, e ela gostaria que ele dissesse algo do tipo: “Eu não sabia que você tocava”, mas em vez disso ele diz:

— Você toca muito bem. — E toca mesmo. É incrível tudo que você pode aprender quando tem tempo.

— Obrigada — responde, deslizando a ponta dos dedos pelas teclas.

Toby fica inquieto, e escapa para a cozinha.

— Quer café? — pergunta, vasculhando os armários.

— Eu encontrei o chá.

Ela começa a tocar uma música diferente. Nada complexo, apenas uma sequência de notas. O início de alguma coisa. Encontra a melodia, a acolhe e a deixa deslizar entre os seus dedos enquanto Toby volta silenciosamente para a sala, com uma xícara fumegante nas mãos.

— O que você estava tocando? — pergunta, com um brilho nos olhos característico dos artistas: escritores, pintores, músicos, qualquer pessoa propensa aos momentos de inspiração. — Parecia familiar...

Ela dá de ombros.

— Você tocou para mim ontem à noite.

Não é mentira, não exatamente. Toby tocou mesmo. Depois que ela mostrou a música a ele.

— Sério? — pergunta, franzindo o cenho. Já está deixando o café de lado e pegando um lápis e um bloco de notas na mesinha mais próxima. — Nossa... eu estava bêbado mesmo.

Ele sacode a cabeça ao dizer isso. Toby nunca foi daqueles compositores que preferem trabalhar alterados.

— Você se lembra de como continuava? — pergunta, virando as folhas do bloco. Ela recomeça a tocar, guiando Toby pelas notas. Ele não sabe, mas faz semanas que está trabalhando nessa música. Na verdade, *os dois* estão.

Juntos.

Ela sorri de leve enquanto continua tocando. Esta é a grama entre as urtigas. Terra firme onde pisar. Não pode deixar a própria marca, mas, se for cuidadosa, pode dá-la para outra pessoa. Nada concreto, sem dúvida, mas a inspiração raramente é.

Toby pega o violão, equilibrando-o sobre um dos joelhos, e segue a melodia, murmurando para si mesmo que a música é boa, é diferente, é *especial*. Ela para de tocar e fica de pé.

— Já vou indo.

A melodia se desfaz nas cordas enquanto Toby ergue o olhar.

— Quê? Mas eu nem conheço você.

— Exatamente — responde ela, indo em direção ao quarto para pegar suas roupas.

— Mas eu *quero* conhecer você — diz Toby, deixando o violão no chão e a seguindo pelo apartamento, e este é o momento em que nada parece justo, o único momento em que ela sente a onda de frustração ameaçando arrebentar. Porque ela passou *semanas* conhecendo o rapaz. E ele passou horas se esquecendo dela.

— Calma aí — pede Toby.

Ela odeia esta parte. Não devia ter ficado. Devia estar fora do seu campo de visão assim como estava da sua mente, mas há sempre uma esperança insistente de que dessa vez vai ser diferente, de que dessa vez eles vão se lembrar.

Eu lembro, diz a escuridão no seu ouvido.

Ela sacode a cabeça, forçando a voz a desaparecer.

— Por que tanta pressa? Me deixe pelo menos preparar o café da manhã para você — diz Toby.

Mas ela está cansada demais para jogar o mesmo jogo outra vez tão cedo, então mente. Diz que tem algo para fazer e não se permite parar nem sequer por um instante, porque, se parar, sabe que não vai ter forças para começar de novo, e o ciclo vai se repetir, só que dessa vez começando de manhã, e não à noite. Mesmo assim, o fim não seria nem um pouco mais fácil, então, já que tem de recomeçar o caso do zero, prefere que seja com uma paquera em um bar do que na manhã seguinte, em uma noitada da qual apenas ele não se lembra.

De qualquer jeito, nada disso vai importar daqui a pouco.

— Jess, espera — diz Toby, pegando sua mão. Titubeia, procurando as palavras certas, depois desiste e começa de novo. — Eu tenho um show hoje à noite, no Alloway. Você devia ir. Fica lá na...

Ela sabe onde fica, óbvio. Foi lá onde eles se conheceram pela primeira, pela quinta e pela nona vez. E, quando ela aceita o convite, ele abre um sorriso deslumbrante. Como sempre.

— Promete? — pergunta ele.

— Prometo.

— Te vejo lá. — Suas palavras estão cheias de esperança enquanto ela se vira e sai pela porta.

A garota olha para trás e diz:

— Não se esqueça de mim nesse meio-tempo.

Um velho hábito. Uma superstição. Uma súplica.

Toby balança a cabeça.

— Como se fosse possível.

Ela sorri, como se fosse só uma piada.

Mas enquanto se obriga a descer as escadas, Addie sabe que já está acontecendo. Sabe que, assim que ele fechar a porta, ela já vai ter desaparecido.



Março é um mês muito instável.

É o arremate entre o inverno e a primavera — embora a palavra *arremate* dê a entender uma bainha uniforme, e março seja mais como uma linha irregular de pontos costurados por uma mão trêmula, oscilando desenfreadamente entre as rajadas de vento de janeiro e a vegetação verdejante de junho. Você não sabe o que vai encontrar, até sair de casa.

Estele costumava chamar esses dias de agitados, quando os deuses de sangue quente começavam a despertar e os de sangue frio, a se recolher. Quando os sonhadores ficavam mais propensos a ter péssimas ideias e os andarilhos, a se perder.

Addie sempre esteve inclinada a ambas as coisas.

Faz todo o sentido que tenha nascido no dia 10 de março, bem ao longo da costura irregular, embora ela não sinta vontade de comemorar há bastante tempo.

Por 23 anos, sentiu um verdadeiro pavor da marcação do tempo e do que isso significava: que ela estava crescendo, envelhecendo. Depois, com o passar dos séculos, seu aniversário se tornou uma data totalmente inútil, muito menos importante do que a noite em que abdicou da própria alma.

Naquele dia, uma morte e um renascimento se deram ao mesmo tempo.

De qualquer forma, hoje é o seu aniversário e ela merece um presente.

Ela para em frente a uma loja de roupas, e depara com o seu reflexo fantasmagórico no vidro.

Na vitrine ampla, um manequim posa, dando meio passo, com a cabeça levemente inclinada para o lado, como se estivesse ouvindo uma canção só sua. O torso comprido está coberto por um suéter de listras largas, e um par de leggings brilhosas desaparece dentro de botas de cano alto que vão até a altura dos joelhos. Uma mão está erguida, com os dedos enganchados na gola da jaqueta pendurada sobre um ombro. Conforme examina o manequim, Addie se dá conta de que está imitando a pose, mudando a postura e inclinando a cabeça. E talvez seja por causa desse dia em específico, ou da promessa de primavera que paira no ar, mas talvez ela esteja simplesmente a fim de uma novidade.

O interior da loja cheira a velas não acesas e a roupas não usadas, e Addie passa os dedos sobre as peças de algodão e de seda antes de encontrar o suéter de tricô listrado, que descobre ser de caxemira. Ela o põe no braço, junto com as leggings da vitrine. Sabe qual é o seu tamanho.

Não mudou nada.

— Oi! — A vendedora animada é uma garota de vinte e poucos anos, assim como Addie, apesar de uma ser uma pessoa real, que envelhece, e a outra, uma imagem aprisionada em âmbar. — Posso ajudar?

— Ah, tá tudo bem — responde, pegando um par de botas de uma prateleira. — Já achei tudo de que preciso. — Ela segue a garota até as três cabines fechadas por cortinas no fundo da loja.

— É só me chamar se precisar de ajuda — diz a vendedora, se afastando antes de a cortina se fechar e de Addie ficar a sós com um banco acolchoado, um espelho de corpo inteiro e si mesma.

Ela tira as botas com os calcanhares e a jaqueta com uma sacudida de ombro, jogando-a sobre o banco. Quando a peça cai sobre o assento, moedas tilintam nos bolsos e alguma coisa sai dali. O objeto cai no chão com um estalo abafado e rola pelo provador estreito até parar no rodapé.

É um anel.

Um pequeno círculo esculpido em madeira acinzentada. Um aro familiar, que um dia ela amou, mas que agora lhe é repugnante.

Addie encara o objeto por um instante. Seus dedos se contraem, traiçoeiros, mas ela não os estende para o anel, não o pega, simplesmente dá as costas para o pequeno aro de madeira e continua se despindo. Veste o suéter, se contorce para entrar nas leggings e fecha o zíper das botas. O manequim era mais magro e mais alto, mas Addie gosta do caimento das peças no próprio corpo — do calor da caxemira, do peso das leggings, do acolhimento suave do forro nas botas.

Ela arranca as etiquetas de preço uma a uma, ignorando os zeros.

Joyeux anniversaire, pensa, olhando para o seu reflexo. Inclina a cabeça, como se também ouvisse uma canção só sua. A personificação de uma mulher moderna de Manhattan, mesmo que o rosto no espelho não tenha mudado nada com o passar dos séculos.

Addie deixa as roupas que estava usando espalhadas como uma sombra pelo chão do provador. O anel fica de lado, como uma criança rejeitada. A única coisa que pega de volta é a jaqueta.

É macia, de couro preto e foi usada até o tecido virar quase uma seda, o tipo de peça pela qual as pessoas pagam uma fortuna hoje em dia e chamam

de vintage. Foi a única coisa que Addie se recusou a deixar para trás em Nova Orleans e ser consumida pelas chamas, embora o cheiro dele tenha permanecido no couro como fumaça — a sua mancha para sempre em tudo. Ela não se importa. Adora a jaqueta.

Naquela época, a peça era nova, mas agora está amaciada, revelando o desgaste de uma maneira que Addie não é capaz. Isso a faz se lembrar de Dorian Gray: o tempo refletido no couro, e não na pele humana.

Ela sai da pequena cabine acortinada.

Do outro lado da loja, a vendedora se assusta, aturdida ao vê-la.

— Todas as peças ficaram boas? — pergunta, educada demais para admitir que não se lembra de ter deixado alguém entrar nos provadores. Deus abençoe o atendimento ao consumidor.

Addie balança a cabeça, pesarosa.

— Tem dias em que você resolve ficar com o que já tem — responde, indo em direção à porta.

Quando a vendedora finalmente encontrar as roupas — a sombra de uma garota no chão do provador —, não vai mais se lembrar a quem pertenceram, e Addie já vai ter sumido do seu campo de visão, da sua mente e da sua memória.

Ela joga a jaqueta por cima do ombro, com o dedo enganchado na gola, e sai para a luz do sol.

Villon-sur-Sarthe, França

Verão de 1698



Adeline está sentada no banco ao lado do pai.

Ele, um mistério para ela, é um gigante solene que se sente mais confortável em sua oficina.

Sob os pés de ambos, uma pilha de objetos de madeira delinea a forma de pequenos corpos debaixo de um cobertor, e as rodas da carroça sacodem enquanto Maxime, a égua robusta, os leva pela trilha, para longe de casa.

Longe — *longe* — é uma palavra que faz o seu pequeno coração disparar.

Adeline tem sete anos de idade, o mesmo número que a quantidade de sardas em seu rosto. É esperta, pequena e rápida como um pardal, e implorou por meses a fio para acompanhá-lo ao mercado. Implorou até a mãe jurar que estava enlouquecendo, até que o pai finalmente cedesse. Ele é carpinteiro e, três vezes por ano, viaja ao longo do rio Sarthe até a cidade de Le Mans.

E, hoje, ela vai junto.

Hoje, pela primeira vez, Adeline está saindo de Villon.

Ela se vira para olhar a mãe, que está de braços cruzados ao lado do velho teixo no final da trilha. Em seguida, a carroça faz uma curva e a sua mãe some de vista. A vila vai ficando para trás, assim como as casas e os campos, a igreja e as árvores, o monsieur Berger revirando a terra e a madame Therault pendurando as roupas no varal enquanto sua filha Isabelle, sentada na grama ali perto, trança uma coroa de flores, com a língua presa entre os dentes de tão concentrada.

Quando Adeline contou à menina sobre a viagem, Isabelle simplesmente deu de ombros e disse: “Eu gosto daqui”.

Como se não fosse possível gostar de um lugar e querer conhecer outro.

Agora ela ergue o olhar para Adeline e acena enquanto a carroça segue em frente. Eles chegam ao final da vila, o mais distante que Adeline já tinha se aventurado, e a carroça bate em um torrão de terra na estrada e sacoleja como se também tivesse ultrapassado um limiar. Adeline prende a respiração, esperando sentir o apertão de alguma corda em seu interior atrelando-a à cidade.

Mas não há nenhuma amarra, nenhum puxão. A carroça continua em movimento, e Adeline se sente um pouco rebelde e assustada enquanto vira para

trás para ver a imagem minguante de Villon, que era, até então, a totalidade de seu mundo, e que agora é apenas uma parte dele. A cidade se torna menor a cada galope da égua, até que se pareça com uma das estatuetas de seu pai, pequena o bastante para caber na palma de sua mão cheia de calos.

É um dia de viagem até Le Mans, mas a jornada fica mais fácil por causa da cesta que a mãe preparou e da companhia que o pai proporciona — o pão e o queijo de um para encher a barriga, e a risada descontraída e os ombros largos de outro para proteger Adeline do sol quente do verão.

Em casa, ele é um homem calado, comprometido com o trabalho, mas, na estrada, começa a se abrir, a se revelar, a falar.

E, quando fala, é para lhe contar histórias.

Histórias que recolheu aqui e ali, como se recolhe lenha.

— *Il était une fois* — vai dizer, antes de adentrar histórias sobre palácios e reis, sobre ouro e luxo, sobre bailes de máscaras e cidades cheias de esplendor. Era uma vez. É assim que a história começa.

Mais tarde, ela não vai se lembrar das histórias em si, mas vai recordar a maneira como ele as contava; as palavras parecem lisas como os seixos de um rio, e ela se pergunta se ele ensaia essas histórias quando está sozinho, se continua de onde parou, falando com Maxime desse jeito suave e gentil. Ela pergunta se o pai conta histórias para a madeira enquanto a entalha. Ou se são só para ela.

Adeline gostaria de escrevê-las.

Depois, o pai vai ensiná-la a desenhar as letras. A mãe vai ter um ataque quando descobrir e acusá-lo de lhe dar outra maneira de ficar à toa e desperdiçar as horas do dia, mas, de qualquer jeito, Adeline vai se esgueirar para sua oficina e ele vai deixar que ela se sente e pratique a escrita do próprio nome na poeira fina que parece estar sempre cobrindo o chão do lugar.

Mas hoje só o que pode fazer é ouvir.

A área rural se estende ao redor deles, como um retrato fiel do mundo que ela já conhece. Os campos são campos, iguais aos da sua cidade, as árvores estão dispostas praticamente do mesmo jeito, e sempre que deparam com uma vila, ela é como uma imagem refletida de Villon, o que faz Adeline começar a se perguntar se o mundo lá fora é tão entediante quanto o seu.

Mas, então, os muros de Le Mans surgem diante deles.

Picos de rochedos se elevam ao longe, formando uma coluna de vários padrões diferentes ao longo das colinas. É cem vezes maior que Villon — ou, pelo menos, é assim que ficou na sua memória —, e Adeline prende a respiração enquanto eles atravessam os portões e entram na cidade murada.

Adiante, há um labirinto de ruas abarrotadas de gente. Seu pai guia a carroça entre as casas espremidas umas contra as outras como pedras, até que o caminho estreito se abre para uma praça.

É óbvio que Villon também tem uma praça, mas ela é só um pouco maior que o quintal da sua casa. Aqui, há espaço para um gigante, e o chão fica invisível debaixo de tantos pés, carroças e barracas. Enquanto seu pai conduz Maxime para o lugar onde parar, Adeline fica de pé no banco e se maravilha com a visão do mercado, com o aroma inebriante de pão e açúcar no ar e com as pessoas, que estão por toda parte. Nunca viu tanta gente assim, muito menos gente que não conhece. É um mar de estranhos, de rostos desconhecidos, roupas desconhecidas e vozes desconhecidas que pronunciam palavras desconhecidas. Adeline sente como se as portas de seu mundo tivessem sido escancaradas, e centenas de cômodos tivessem sido acrescentados a uma casa que ela achava que conhecia.

Seu pai está encostado na carroça e fala com todo mundo que passa por perto enquanto suas mãos se movem sobre um bloco de madeira, com uma faca pequena em uma de suas palmas. Esculpe a superfície com a facilidade de alguém que descasca uma maçã, as fitas de madeira caindo por entre os dedos. Adeline sempre adorou vê-lo trabalhar e assistir as estatuetas ganhando forma, como se sempre tivessem estado ali, ocultas, como o caroço no meio de um pêssego.

As peças do pai são lindas. A madeira é lisa, e as peças, delicadas, contrastando com suas mãos ásperas e seu aspecto enorme.

E em meio às tigelas e xícaras, enfiados entre as ferramentas, há brinquedos à venda e estatuetas de madeira tão pequenas quanto roscas de pão — um cavalo, um menino, uma casa e um pássaro.

Adeline cresceu rodeada por esse tipo de quinquilharia, mas sua preferida não tem a forma de um animal nem de um humano.

Mas de um anel.

Ela o usa pendurado em um cordão de couro ao redor do pescoço; é um aro delicado feito com uma madeira acinzentada e lisa como uma pedra polida. Ele o esculpiu quando ela nasceu, foi feito para a garota que ela se tornaria um dia, e Adeline o usa como um talismã, um amuleto, uma chave. Ela toca o anel de vez em quando, roçando o polegar pela superfície do mesmo modo que a sua mãe com o rosário.

Agora, ela se agarra a ele, uma âncora em meio à tempestade, enquanto vai para a traseira da carroça e observa *tudo*. Desse ângulo, fica quase alta o bastante para avistar as construções mais adiante. Ergue-se na ponta dos pés,

imaginando até onde vão, mas um cavalo empurra a carroça ao passar por perto e ela quase cai. O pai fecha a mão ao redor do seu braço, puxando-a de volta para uma distância segura, ao alcance dele.

Quando o dia acaba, os objetos de madeira foram todos vendidos, e o pai de Adeline lhe dá uma moeda de cobre para que compre algo que goste. Ela pula de barraca em barraca, examinando as tortinhas e os bolos, os chapéus, os vestidos e as bonecas, mas, no fim, decide comprar um diário feito com pergaminhos encadernados com uma linha encerada. É a folha em branco que a deixa mais animada, a ideia de poder preencher o espaço com tudo o que quiser.

Ela não tinha dinheiro suficiente para os lápis que vinham junto, mas seu pai usa mais uma moeda para comprar um pacote de gravetos pretos e explica que são chamados de carvão, mostra a ela como pressionar o giz escuro no papel e esfumar as linhas para transformar os contornos sólidos em sombras. Com alguns traços rápidos, desenha um pássaro no canto da página, e ela passa a hora seguinte copiando as linhas, muito mais interessantes que as letras que ele havia escrito debaixo do desenho.

Seu pai arruma as coisas na carroça conforme o dia cede lugar ao crepúsculo.

Os dois vão passar a noite em uma hospedaria local, e, pela primeira vez na vida, Adeline vai dormir em uma cama desconhecida, acordar com sons e aromas desconhecidos e, durante um momento, tão breve quanto um bocejo, não vai saber onde está e seu coração vai bater acelerado — a princípio pelo medo, e depois por um motivo diferente. Algo que ela ainda não sabe como descrever.

E quando eles finalmente voltarem para casa em Villon, Adeline já vai ser uma versão diferente de si mesma. Como um cômodo com todas as janelas abertas, ávidas por deixar o ar fresco, a luz do sol e a primavera entrarem.

Villon-sur-Sarthe, França

Outono de 1703

IV



Villon é uma cidade católica. Pelo menos, é a primeira impressão que passa.

Há uma igreja no centro da cidade, uma construção solene de pedra para onde todos vão em busca da salvação de suas almas. A mãe e o pai de Adeline se ajoelham lá duas vezes por semana, fazem o sinal da cruz, pronunciam suas orações e falam sobre Deus.

Adeline tem doze anos agora, então os acompanha. Mas reza do mesmo modo como o pai arruma os pães de cabeça para cima, como a mãe lambe o polegar para recolher os grãos de sal espalhados.

Por costume, algo mais automático do que a fé.

A igreja na cidade não é nova, e tampouco Deus, mas Adeline passou a pensar n'Ele desse jeito graças à Estele, que diz que o maior perigo da mudança é deixar que o novo substitua o velho.

Estele, que pertence a todos, a ninguém e a si mesma.

Estele, que cresceu como uma árvore no coração da vila à beira do rio, e que com certeza nunca foi jovem; que brotou do próprio solo com as mãos retorcidas, a pele como a casca das árvores e as raízes profundas o bastante para chegarem ao seu próprio poço escondido.

Estele, que acredita que o novo Deus é uma coisa ornamentada. Acha que Ele pertence às cidades e aos reis, que fica sentado sobre Paris em uma almofada dourada e que não tem tempo para meros camponeses nem lugar entre a madeira, a pedra e a água do rio.

O pai de Adeline acha que Estele é lunática.

Sua mãe diz que a mulher vai acabar no Inferno, e, certa vez, quando Adeline repetiu essas palavras, Estele deu sua risada de folhas secas e disse que tal lugar não existia, somente a terra escura e fria e a promessa do sono.

— E o Paraíso? — perguntou Adeline.

— O Paraíso é um lugar agradável na sombra, uma árvore frondosa sobre os meus ossos.

Aos doze anos, Adeline se pergunta a que deus deveria rezar para fazer com que seu pai mude de ideia. Ele carregou a carroça com o artesanato para a viagem até Le Mans e colocou o arreo em Maxime, mas, pela primeira vez em seis anos, Adeline não vai acompanhá-lo.

Ele prometeu trazer para ela um bloco de papel em branco e novos materiais de desenho. Mas os dois sabem muito bem que ela preferiria ir e não ganhar presentes; preferiria ver o mundo lá fora a ter outro bloco para desenhar. Ela está ficando sem modelos, memorizou os contornos desgastados da vila e todos seus rostos familiares.

Mas, neste ano, sua mãe decidiu que não era certo nem apropriado que ela fosse ao mercado, embora Adeline *saiba* que ainda cabe perfeitamente bem no banco de madeira, ao lado do pai.

Sua mãe gostaria que ela fosse mais parecida com Isabelle Therault — doce, gentil e totalmente desprovida de curiosidade, satisfeita com manter os olhos baixos, na costura, em vez de erguê-los em direção às nuvens, em vez de se perguntar o que existe além de cada esquina e das montanhas.

Mas Adeline não sabe como ser igual à Isabelle.

Não *quer* ser igual à Isabelle.

Só quer ir para Le Mans e, lá, observar as pessoas e ver as obras de arte ao redor, experimentar a comida e descobrir coisas sobre as quais ainda não ouviu falar.

— Por favor — implora, enquanto o pai sobe na carroça. Ela devia ter viajado clandestinamente entre os objetos de madeira, se escondido debaixo da lona. Mas agora é tarde demais, e, quando Adeline estende o braço na direção da roda, sua mãe a pega pelo pulso e a afasta para trás.

— *Chega* — repreende.

O pai as encara e, em seguida, desvia o olhar. A carroça começa a se mover e, quando Adeline tenta se desvencilhar e correr atrás dela, a mão de sua mãe surge de novo e acerta o seu rosto dessa vez.

As lágrimas brotam em seus olhos, junto com um rubor intenso antes do hematoma iminente, e a voz da mãe a atinge como um segundo tapa:

— Você não é mais criança.

Então Adeline entende — mesmo sem entender por completo — que está sendo punida simplesmente por crescer. Fica com tanta raiva que tem vontade de fugir. De jogar a costura da mãe na lareira e quebrar todas as esculturas inacabadas que estão na oficina do pai.

Em vez disso, com o anel do pai no punho cerrado, observa a carroça fazer a curva e desaparecer em meio às árvores. Adeline espera até que a mãe a solte e a mande fazer suas tarefas.

E então vai atrás de Estele.

Estele, que ainda venera os deuses antigos.

Adeline devia ter cinco ou seis anos quando viu a mulher jogar sua xícara de pedra no rio pela primeira vez. Era um objeto muito bonito, com uma

estampa parecida com renda na lateral, e a anciã simplesmente o deixou cair, admirando o respingo da água. Ela estava de olhos fechados e movia os lábios, e quando Adeline abordou a velha senhora — que já era velha, sempre foi velha — no caminho de casa, Estele contou que estava rezando para os deuses.

— Para quê?

— O bebê de Marie não está na posição que deveria. Pedi aos deuses do rio que façam com que as coisas fluam bem. Eles são bons nisso.

— Mas por que você deu a sua xícara para eles?

— Porque os deuses são gananciosos, Addie.

Addie. Um apelido carinhoso que sua mãe desdenhava porque lhe parecia de menino. Um nome que seu pai preferia, mas apenas quando os dois estavam sozinhos. Um nome que ecoava como um sino em seus ossos. Um nome que combinava muito mais com ela do que *Adeline*.

Agora, ela encontra Estele na horta de sua casa, de cócoras entre as mudas silvestres de abóbora e com a coluna espinhosa de um arbusto de amoras, tão encurvada quanto um galho retorcido.

— Addie. — A velha senhora a cumprimenta sem nem erguer o olhar.

É outono, e o solo está entulhado de sementes de frutas que não amadureceram como deveriam. Addie empurra as sementes com a ponta do sapato.

— Como você fala com eles... com os deuses antigos? Você os chama pelo nome? — pergunta.

Estele se endireita, e suas juntas estalam como galhos secos. Caso esteja surpresa com a pergunta, não demonstra.

— Eles não têm nome.

— Existe algum feitiço?

Estele lança um olhar penetrante para a menina.

— Feitiços são coisas de bruxas, e bruxas costumam ser queimadas na fogueira.

— Então como é que você reza?

— Com oferendas e louvores, mas mesmo assim os deuses antigos são volúveis. Não são obrigados a atender as preces.

— E aí o que você faz?

— Você segue a vida.

Ela mordisca a parte interior da bochecha.

— Quantos deuses existem, Estele?

— Eles são tão numerosos quanto as suas perguntas — responde a anciã, sem uma gota de desdém na sua voz, e Addie sabe que precisa ser paciente, prender o fôlego até ver indícios de abrandamento em Estele. É como esperar

do lado de fora depois de ter batido na porta de um vizinho sabendo que ele está em casa. Ela pode ouvir os passos, o rangido baixo da fechadura, e sabe que a porta vai se abrir.

Estele solta um suspiro alto, cedendo.

— Os deuses antigos estão por toda parte. Nadam no rio, crescem no campo e cantam nas florestas. Estão nos raios de sol sobre o trigo, na terra onde brotam as mudas na primavera e nas vinhas que crescem na lateral daquela igreja de pedra. Eles se reúnem durante a aurora e o crepúsculo, as horas mais extremas do dia.

Adeline estreita os olhos.

— Você me ensina? Como evocá-los?

A velha senhora suspira, ciente de que Adeline LaRue não é apenas esperta, também é teimosa. Começa a serpentear pela horta em direção à casa, e a menina a segue, receosa de que, se Estele alcançar a porta da frente antes de responder, poderá fechá-la sem terminar a conversa. Mas Estele olha para trás, com os olhos penetrantes no rosto enrugado.

— Existem regras.

Adeline detesta regras, mas sabe que às vezes são necessárias.

— Tipo quais?

— Você deve ser humilde diante deles. Deve fazer uma oferenda, algo precioso para você. E deve tomar cuidado com o que pede.

Adeline reflete por um momento.

— Só isso?

O rosto de Estele se torna sombrio.

— Os deuses antigos podem ser grandiosos, mas não são bondosos nem compassivos. São volúveis, instáveis como o luar refletido na água, ou como as sombras durante uma tempestade. Se insistir em evocá-los, preste atenção: tome cuidado com o que pede, esteja disposta a pagar o preço. — Ela se inclina sobre Adeline, cobrindo-a com sua sombra. — E não importa o quão desesperada ou em perigo esteja, *nunca* faça preces aos deuses que atendem depois do anoitecer.

Dois dias depois, o pai de Adeline volta para casa com um bloco de papel em branco e alguns lápis pretos de grafite amarrados com um barbante. A primeira coisa que ela faz é escolher o melhor deles, enfiá-lo na terra atrás do jardim de casa e rezar para que possa acompanhar o pai da próxima vez que ele viaje.

Mas mesmo que os deuses tenham ouvido a sua prece, não a atendem.

E ela nunca mais volta ao mercado.

Villon-sur-Sarthe, França
Primavera de 1707



Em um piscar de olhos, os anos se esvaem como água entre os dedos.

Adeline está com dezesseis anos, e todo mundo fala sobre ela como se fosse uma flor desabrochando no verão, algo para ser arrancado e colocado em um vaso, destinado simplesmente a florir e, depois, a apodrecer. Como Isabelle, que sonha em ter uma família, não liberdade, e parece satisfeita em florescer por um momento e, em seguida, murchar.

Não, Adeline decidiu que prefere ser uma árvore, como Estele. Já que precisa criar raízes, prefere brotar selvagemmente em vez de ser podada, prefere ficar sozinha, se isso significar que irá crescer sob o céu aberto. É melhor do que virar lenha, cortada para acabar virando cinzas na lareira de outra pessoa.

Ela suspende a roupa suja nos quadris e chega ao cume da colina, depois desce a encosta cheia de ervas daninhas que leva ao rio. Quando chega à margem, vira a cesta para baixo, jogando as roupas sujas na grama e, ali, escondido como um segredo entre as saias, aventais e roupas de baixo, está o caderno de desenho. Não é o primeiro — ela os colecionou ano após ano, tomando o cuidado de preencher cada espacinho, para aproveitar ao máximo todas as folhas em branco.

Apesar disso, cada um deles é como uma vela que queima em uma noite sem luar, sempre chegando ao fim rápido demais.

Não ajuda muito o fato de ela continuar dando pedacinhos de papel por aí.

Tira os sapatos com os calcanhares e se deita na encosta, com as saias amontoadas sob o corpo. Passa os dedos pela grama de ervas daninhas e encontra a borda rasgada do papel em que está um dos seus desenhos preferidos, dobrado em quadrado e levado até a margem na semana passada, logo depois que o sol nasceu. Um presente, enterrado como uma semente, ou uma promessa. Uma oferenda.

Adeline ainda reza para o novo Deus quando é necessário, mas, quando seus pais não estão olhando, também reza para os deuses antigos. Pode fazer ambos: guardar um deles na bochecha como um caroço de cereja enquanto sussurra para o outro.

Até agora, nenhum dos dois atendeu as suas preces.

E, mesmo assim, Adeline tem certeza de que estão ouvindo.

Na primavera passada, quando George Caron começou a olhar para ela de um jeito diferente, Adeline rezou para que ele desviasse o olhar para outra pessoa e o rapaz começou a reparar em Isabelle. Desde então, Isabelle se casou com ele e agora está grávida do primeiro filho, desgastada por todos os tormentos que vieram junto.

No outono passado, quando Arnaud Tulle manifestou suas intenções, Adeline rezou para que ele encontrasse outra garota. Não encontrou, mas, no inverno que se seguiu, ficou doente e faleceu. Adeline se sentiu péssima por ficar aliviada, mesmo enquanto jogava mais quinquilharias no riacho.

Ela rezou, e alguém deve ter escutado, pois continuava livre. Livre das cortes, livre do casamento, livre de tudo, menos de Villon. Deixada em paz para crescer.

E sonhar.

Adeline se senta na encosta, com o caderno de desenho equilibrado sobre os joelhos. Tira do bolso a bolsinha fechada com um barbante, e alguns pedacinhos de carvão e lápis muito gastos e preciosos tilintam como moedas em um dia de mercado.

Ela costumava amarrar um pedaço de pano em volta da haste para não sujar os dedos, até que seu pai fabricou faixas estreitas de madeira para encaisar o giz escuro e mostrou a ela como empunhar uma faca pequena e raspar o invólucro para formar uma ponta. Agora, as imagens estão mais definidas, as bordas, contornadas, e os detalhes, mais nítidos. As imagens brotam como manchas no papel: paisagens de Villon e de todos seus habitantes — as linhas dos cabelos da mãe, dos olhos do pai, das mãos de Estele e, oculto nas bordas e nos cantos de cada página...

O segredo de Adeline.

Seu estranho.

Ela preenche cada espacinho vazio com ele, um rosto desenhado tantas vezes que os traços parecem espontâneos, e as linhas se desdobram por vontade própria. É capaz de invocá-lo de memória, embora nunca tenham se conhecido.

Afinal, ele é apenas um fruto da sua imaginação. Um companheiro criado, a princípio, pelo tédio, e depois pelo anseio.

Um sonho, para lhe fazer companhia.

Ela não lembra quando começou, só sabe que certo dia passou os olhos pela vila e percebeu que faltava alguma coisa a todos os seus pretendentes.

Os olhos de Arnaud eram agradáveis, mas seu rosto não tinha queixo.

Jacques era alto, mas chato como um torrão de terra.

George era forte, mas suas mãos eram ásperas e seu temperamento, mais ainda.

Assim, roubou as partes de que gostava de cada um e criou uma pessoa nova.

Um estranho.

Começou como uma brincadeira, mas quanto mais Adeline o desenha, mais fortes as linhas se tornam e mais confiança a impressão do carvão sobre o papel adquire.

Cachos castanho-escuros. Olhos claros. Maxilar forte. Ombros levemente caídos e uma boca bem delineada. Um homem que ela nunca iria encontrar, uma vida que nunca iria conhecer, um mundo com o qual somente poderia sonhar.

Quando está inquieta, volta aos desenhos, tracejando as retas já familiares. E, quando não consegue dormir, pensa nele. Não nos ângulos do rosto nem no tom de verde que conjurou para os olhos, mas na voz, no toque. Fica deitada e imagina que ele está ao seu lado, delineando, com os dedos longos, padrões distraídos em sua pele enquanto lhe conta histórias.

Não do tipo que seu pai costumava contar, sobre cavalheiros e reinos, princesas e ladrões. Não contos de fadas e fábulas sobre os perigos de se desviar do caminho, mas histórias que parecem verdadeiras, versões da vida na estrada, de cidades que cintilam, do mundo além de Villon. E embora as palavras que ela coloca na boca do estranho sem dúvida estejam cheias de erros e mentiras, a voz imaginária faz com que soem maravilhosas, reais.

Se pelo menos você pudesse ver tudo isso, diz ele.

Eu faria qualquer coisa para ver, responde ela.

Um dia, ele promete. Um dia, eu vou te mostrar. Você vai ver tudo.

As palavras doem, mesmo imaginadas, porque a brincadeira cede lugar à vontade, a um sentimento genuíno demais, perigoso demais. Então, mesmo na própria cabeça, Adeline desvia a conversa de volta a uma rota mais segura.

Conte sobre os tigres, pede, pois tinha ouvido falar dos grandes felinos através de Estele, que tinha ouvido falar deles através do pedreiro, que participava de uma caravana em que uma das mulheres dizia ter visto um.

O estranho sorri, faz um gesto com os dedos afinilados e conta a ela sobre os pelos sedosos, as presas e os rugidos furiosos.

Na encosta, com a roupa suja esquecida ao lado, Adeline gira distraidamente o anel de madeira com uma mão enquanto desenha com a outra, esboçando seus olhos, sua boca, o contorno dos seus ombros nus. Sopra vida para dentro dele com cada traço. E, com cada gesto, o persuade a contar outra história.

Conte como é dançar em Paris.

Conte como é navegar pelos mares.

Conte tudo.

Não havia perigo nisso, nada pelo que ser repreendida, pelo menos não quando era pequena. Todas as meninas são propensas a sonhar acordadas. “Essa fase vai passar”, dizem os pais. Mas, em vez disso, Adeline se sente cada vez *mais* ancorada aos sonhos, prendendo-se à esperança insistente de que há algo mais.

O mundo deveria estar ficando maior. Mas não, ela sente que está encolhendo, apertando-a como correntes em volta dos membros enquanto a superfície de seu corpo começa a afundar sob a pressão, e, de repente, o carvão nas suas unhas parece inapropriado, assim como a ideia de que ela escolheria a própria companhia em vez da companhia de Arnaud, de George ou de qualquer homem que a desejasse.

Está em contradição com tudo, não se encaixa, é um insulto ao seu gênero, uma criança teimosa em um corpo de mulher, com a cabeça baixa e os braços apertados ao redor do caderno de desenho, como se ele fosse um portal.

Quando finalmente ergue os olhos, sempre se fixa nos limites da cidade.

— É uma sonhadora — desdenha a mãe.

— É uma sonhadora — lamenta o pai.

— É uma sonhadora — alerta Estele.

Mesmo assim, essa palavra não parece tão ruim.

Até o momento em que Adeline acorda.